

Sim Ou Não?

por Mário Soares

Claro que a minha resposta, sem ambiguidades, é sim à Constituição Europeia ou melhor dito: ao Tratado europeu que aprovou o projecto de Constituição para uma Europa a 25.

O projecto já aprovado pelo Conselho Europeu não é perfeito. É certo. Mas não há Constituições perfeitas e é, por isso mesmo, que algumas delas, como a nossa, prevêm no seu próprio texto, os mecanismos a seguir e o calendário de eventuais revisões. Não é perfeita mas representa o compromisso possível e, a meu ver, bastante amplo e aceitável, entre as diversas forças político-ideológicas que querem fazer avançar a construção europeia, como julgo ser imprescindível para um melhor futuro dos europeus e para um maior equilíbrio no Mundo, no momento de indefinição e desordem em que se encontra.

O nosso Povo diz - e bem - que o ótimo é inimigo do bom. O projecto constitucional, em análise, representa um bom compromisso - e o compromisso possível, repito. Sabe-se que a construção europeia tem vindo a ser feita, segundo o método de Jean Monnet, por pequenos passos, em que duas das principais forças políticas europeias - os socialistas e os democrata-cristãos - se têm posto de acordo, revelando a sabedoria de ultrapassar, por negociações cerradas, divergências, quanto ao acessório, em benefício do essencial.

Ora o essencial - para os europeus - é que o projecto europeu avance. Trata-se, com efeito, do mais original projecto político do século XX, que transitou para o XXI e foi conseguido graças à associação voluntária de Estados, antes rivais, que se dispuseram a partilhar certos aspectos das suas respectivas soberanias, em benefício da paz, do bem estar dos seus concidadãos, tendo em mira a construção de um modelo de desenvolvimento não excluyente, com dimensão social, cultural e ecológica.

Um não à Constituição, como parece querer, segundo sondagens recentes, a maioria dos franceses, faria correr à União um tremendo risco de desintegração. Não seria apenas uma paragem. Seria um imenso recuo, que só podem desejar aqueles que sempre sonharam com uma Europa que fosse um mero espaço de livre câmbio, um mercado único alargado e competitivo, mas nada mais do que isso. Seria o fim da Europa política, social e com uma entranhada cultura ecológica. Pior do que isso: seria o fim da União como "potência mundial" capaz de equilibrar as relações euro-americanas e de resistir às pretensões do hegemonismo imperial, que vê a ONU como um impecilho. Os "falcões" que aconselham Bush, seguramente, agradeceriam!

Curiosamente os partidários do não, em França e em outros Estados europeus, são uma mescla contraditória, muitos dos quais se movem apenas por razões nacionais. Há esquerdistas e comunistas que se orientam por critérios ideológicos e imediatos. Os comunistas sempre estiveram contra a "Europa dos Trusts", mas nunca deixaram de aproveitar os seus progressos. Mas também há ultra-conservadores, neo-conservadores, neo-liberais (no sentido económico) e fanáticos religiosos, evangélicos ou outros. Todos partidários, alguns com a melhor boa fé, da teoria do "quanto pior, melhor", que historicamente teve sempre um efeito boomerang para aqueles que a praticaram...

Lisboa, 12 de Abril de 2005